

## NO EXTREMO DA PROFISSÃO: GÊNERO FEMININO E O JORNALISMO ESPORTIVO DE AVENTURA

### AT THE EXTREME OF THE PROFESSION: FEMALE GENDER AND ADVENTURE SPORTS JOURNALISM

Aélton Alves de Melo Júnior<sup>1</sup>

Denise Tavares<sup>2</sup>

Luis Oscar Calvano Colombo<sup>3</sup>

#### Resumo

Este texto foca a participação da jornalista Carol Barcellos no episódio "Ultramaratona do Atacama", do programa de televisão *Planeta Extremo*, veiculado na *TV Globo*. O objetivo, com tal recorte, é discutir a representação da jornalista, buscando interpretar a presença e a performatividade de gênero nesta produção. A hipótese que mobiliza o texto é a de que no programa televisivo, a mulher jornalista especializada em esportes de aventura incorpora os atributos ideológicos associados à "nova mulher" embora, paradoxalmente, algumas concepções conservadoras ainda persistam na atração. Em termos metodológicos, a abordagem recupera, brevemente, o ingresso da mulher no mercado de trabalho, incluindo no jornalismo, para depois analisar seu objeto, acionando uma decupagem que contempla tanto os aspectos narrativos como imagéticos da produção.

#### Palavras-chave

mulher; trabalho; jornalismo; esporte; aventura.

#### Abstract

This text focuses on the participation of journalist Carol Barcellos in the episode "Ultramaratona do Atacama" (Atacama Ultramarathon) from the television program "Planeta Extremo," broadcast on TV Globo. The objective, with such a focus, is to discuss the representation of the journalist, seeking to interpret the presence and gender performativity in this production. The hypothesis that guided the text was that in this television program, the female journalist specialized in adventure sports embodies the ideological attributes associated with the "new woman," although paradoxically, some conservative conceptions still persist in the program. In methodological terms, the approach briefly traces the entry of women into the workforce, including journalism, and then analyzes its subject, employing an approach that considers both the narrative and visual aspects of the production.

#### Keywords

woman; work; journalism; sport; adventure.

1 Doutorando em Mídia e Cotidiano pelo PPGMC/UFF e mestre em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFCG, aeltonjunior@gmail.com / aeltonmelo@id.uff.br, 0000-0002-9752-1261, <http://lattes.cnpq.br/8331489906995321>.

2 Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense e professora e pesquisadora do PPG Mídia e Cotidiano, denisetavares51@gmail.com, 0000-0001-5692-7356, <http://lattes.cnpq.br/0641026140583587>.

3 Doutorando do Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense, luisoscarcolombo@id.uff.br, <http://lattes.cnpq.br/6417314699988173>.

## Introdução

Como lembra a autora Oyèrónké Oyêwùmí “A ideia de que o gênero é socialmente construído – de que as diferenças entre machos e fêmeas devem estar localizadas em práticas sociais, e não em fatos biológicos – foi uma compreensão importante que emergiu no início da pesquisa feminista da segunda onda” (2021, p. 36). Uma descoberta que, mesmo não assumida integralmente por toda a sociedade, tornou-se um eixo fundamental para muitos discursos feministas, justamente porque rompia com o determinismo biológico e permitia interpretar as diferenças de gênero como passíveis de mudanças.

Tal abertura ampliava a trilha aberta no Ocidente desde o fim da Segunda Guerra Mundial, quando o crescimento da presença feminina no cenário profissional e seu acesso e conquista de direitos civis passaram a ser realidade no tecido social (FONSECA, 2019). Por outro lado, sabemos, ainda há muito a ser modificado pois continuam existindo diversos territórios na sociedade atual, na qual o feminino é visto como não pertinente, não adequado. Era o que acontecia até recentemente no campo jornalístico, especialmente no nicho predominantemente masculino do jornalismo esportivo.

O ingresso feminino nesse espaço alinha-se, não raro, aos discursos que associam força e capacidade da mulher a uma performatividade de gênero, delineando, assim, a noção de uma “nova mulher” - conforme articulamos Kollontai (2007) ao discutir sobre mulheres na sociedade moderna. Sob essa premissa, este artigo se concentra na presença da mulher no âmbito profissional do jornalismo de esporte de aventura, mais exatamente na jornalista Carol Barcellos, que se destaca por sua competência física pareada a de atletas profissionais, em reportagens esportivas e programas diversos, especialmente no *Planeta Extremo*, veiculado pela *TV Globo* em 2015.

Entre os episódios dessa produção, recortamos o da “*Ultramaratona do Atacama*”, no qual Barcellos se engaja como jornalista-participante, desafiando seus limites físicos e mentais diante do exaustivo percurso. O objetivo deste foco é discutir a representação da jornalista, buscando interpretar a presença e a performatividade de gênero – mulher –, que são apresentadas no programa. Nossa hipótese sugere que, no contexto do *Planeta Extremo*, a mulher jornalista especializada em esportes de aventura incorpora os atributos ideológicos associados à “nova mulher”, embora, paradoxalmente, algumas concepções conservadoras ainda persistam no programa.

Em termos metodológicos, a análise proposta fundamenta-se na desconstrução fílmica do produto audiovisual, acionando uma decupagem que contemple tanto os aspectos narrativos como imagéticos da produção. O objetivo é não só discutir os elementos presentes na narrativa, mas também demarcar as complexidades imagéticas e estilísticas envolvidas no objeto do estudo, tendo como parâmetros os referenciais teóricos relacionados às questões que emergem das perspectivas feministas, da narrativa e da imagem. Vale, ainda, mencionar que o artigo expressa uma zona convergente de pesquisas distintas<sup>4</sup> sobre esportes radicais e gênero, cujos corpus ultrapassam o objeto aqui focado.

4 Com financiamento da Capes.

## Mulher, trabalho e jornalismo

De forma geral, a entrada da mulher no mercado de trabalho representou transformações significativas nas dinâmicas laborais e na estrutura social de gênero (SAFFIOTI, 2013). Podemos entender que esse fenômeno impulsionou a emancipação feminina, proporcionando independência financeira e ampliando opções de carreira às mulheres. Diversos autores e autoras que têm estudado os indicadores do mercado de trabalho apontam que o crescimento da população trabalhadora feminina é superior ao da masculina, reforçando que as sociedades hoje “dispõem não de centenas de milhares, mas sim de milhões de braços femininos” (Kollontai, 2007, p. 16).

No entanto, apesar da notória e crescente participação da mulher trabalhadora como aborda Kollontai (2007), Saffioti (2013) enfatiza o quanto no sistema capitalista a disparidade entre os gêneros é acentuada, persistindo mesmo com a presença massiva das mulheres no mercado de trabalho. Ela argumenta que o capitalismo, longe de apenas abrir portas para a emancipação feminina, utiliza, de maneira exploratória, a força de trabalho das mulheres em benefício do lucro. Aliás, toda relação de trabalho no sistema capitalista é visada na exploração da força de trabalho da classe operária.

Alocado a essa exploração está o trabalho não-remunerado feminino, que é o trabalho doméstico (atividades que abrangem desde os cuidados com a família até a manutenção do lar e a criação de filhos). Por mais que haja atitudes de divisão de tarefas para realizar os afazeres domésticos (entre homens e mulheres), culturalmente o ambiente doméstico acaba sendo imposto às mulheres. Silvia Federici (2019) sustenta esse argumento dizendo que o trabalho doméstico, não remunerado e por vezes invisível, é uma parte essencial da reprodução social do sistema capitalista, no qual o patriarcado atua como a estrutura organizacional social que perpetua essa forma específica de opressão.

O aumento da participação da mulher no mercado de trabalho acabou sendo normalizado, corroendo uma série de atributos que definiam o gênero feminino. Por exemplo, de acordo com Kollontai (2007, p. 17), “as virtudes femininas – passividade, submissão doçura – que lhe foram inculcadas durante séculos, tornam-se agora completamente supérfluas, inúteis e prejudiciais”. A autora ressalta que aquelas que não se adaptaram às mudanças, não encontraram espaço para trabalhar. Isto é, que as mulheres foram impelidas a se aproximar do que tradicionalmente é associado ao universo masculino, distanciando-se da noção feminina do passado.

Ainda seguindo Kollontai (2007), entre as categorias de trabalho é a mulher operária, formada pelo espírito de seu tempo, a que mais pode adquirir consciência de sua independência e fortalecer sua personalidade diante das novas condições de vida. No entanto, a autora aponta que apesar do surgimento dessa nova postura feminina, a mulher dita “tradicional”, esposa eco do homem, continua existindo e em manutenção.

Diante dessa ambiguidade ou coexistência desse duplo, a proposta é investigar se é possível falarmos em prevalência de uma ou outra versão no território do jornalismo esportivo. Afinal, como veremos em seguida, trata-se de uma seara na qual a presença feminina ainda busca ampliar sua participação. Especialmente, se o recorte

recair sobre os esportes radicais, marcados, quase sempre, por adjetivos vinculados ao mundo clássico masculino.

Nesse sentido, o debate circunscreve os papéis ou mesmo performances de gênero. Aqui entendemos o gênero enquanto uma construção psicológica e, sobretudo, social. Ou seja, gênero como forma individual do sujeito se reconhecer no mundo, bem como as expressões de comportamento que se toma ao se reconhecerem (Fausto-Sterling, 2001).

Money e Ehrhardt definem “papel de gênero” como “tudo aquilo que uma pessoa diz e faz para indicar aos outros ou a si mesma o quanto é masculina, feminina ou ambivalente”. Definem a “identidade de gênero” como “a unidade e persistência da individualidade como masculina, feminina ou ambivalente... A identidade de gênero é a experiência privada do papel de gênero, e o papel de gênero é a experiência pública da identidade de gênero”. (Fausto-Sterling, 2001, p. 15)

Já para Judith Butler (2018), o gênero é um ato repetitivo e ritualizado no cotidiano, uma performance que cria a ilusão de uma identidade de gênero estável e coerente. Buscando avançar com os postulados de uma das principais figuras das Teorias Feministas, Simone de Beauvoir<sup>5</sup>, Butler afirma que “ser mulher” não é uma essência, mas um processo de existência, um ser em prática, um ser que performa construções sociais de gênero. Para a autora, o gênero, no caso mulher, é um constante devir.

Sendo assim, no contexto específico do jornalismo esportivo, a compreensão do feminino e da presença da mulher emerge como um intrigante campo de performances de gênero. A presença feminina, por si só, já representa um desafio considerável dentro do universo esportivo, e o exercício jornalístico de mulheres, nesse cenário, adquire nuances adicionais exploradas ao longo deste texto.

## Luta e aventura: o feminino no jornalismo esportivo

O esporte surge como uma prática prioritariamente do gênero masculino e atravessa os séculos com este pilar excludente, haja vista que desde a ocasião dos Jogos Olímpicos realizados na Grécia Antiga, em 776 a.C. até a primeira olimpíada da Era Moderna, em 1896, a participação feminina era proibida. A mulher-atleta somente esteve presente nos jogos seguintes, em Paris, em 1900, e, mesmo assim, a primeira campeã olímpica, a tenista britânica Charlotte Cooper, não recebeu sua medalha por causa de uma regra da organização (Oliveira; Cherem; Tubino, 2008).

Foi dessa forma, esperando e lutando por longos anos, que o gênero feminino conquistou seu espaço no meio esportivo. E o mesmo pode ser dito sobre o que ocorreu nos veículos de comunicação que cobriam tais práticas. Afinal, os departamentos de esportes das redações brasileiras eram formados somente por homens. Isso só começou a mudar em 1947, quando a Gazeta Esportiva de São Paulo convidou a atleta de

5 Beauvoir ganha notoriedade na chamada “segunda onda feminista”, ao debater as categorias de sexo e gênero, como fatores não naturais, compreendendo-os como construções socioculturais, ou melhor, como discursos, ao passo que não se nasce mulher, mas que se torna mulher (Beauvoir, 1949).

arremesso de disco e estudante de comunicação da Faculdade Cásper Líbero, Maria Helena Rangel, para cobrir campeonatos de vôlei. Ao aceitar, Rangel, com essa participação, tornou-se a pioneira no segmento (Ramos, 2010; Dantas, 2015).

Vale ressaltar que tal ruptura revela-se ainda mais significativa se lembrarmos que a presença feminina nas escolas de jornalismo até os anos 1950 era restrita e até mesmo vista como um ponto fora da curva. Um cenário que foi revertido paulatinamente e não sem luta. “Hoje, a presença das mulheres no mercado de trabalho de jornalismo e nos cursos superiores para formação profissional atesta o interesse e a adaptação delas a um universo que no início dos anos 1960 do século passado, no Brasil, discriminava-as abertamente” (KOSHIYAMA, 2001, p. 3). Ainda segundo Koshiyama, era comum ouvir dizer que a redação dos jornais era um lugar impróprio para as mulheres.

De lá para cá, felizmente, o cenário mudou, surgindo outras referências de profissionais femininas como a fotógrafa Mary Sereno, a locutora Claudette Troiano, a radialista Regiani Ritter, a apresentadora Isabela Scalabrini, entre outras, que confirmam o espaço conquistado pelo gênero. Mesmo assim, as jornalistas sempre enfrentaram grande preconceito na área da cobertura esportiva, o que é comprovado por Coelho (2011). Segundo o autor, quando as mulheres passam a ter presença nesse segmento da profissão, elas eram quase sempre destinadas a cobrir os chamados esportes olímpicos (basquete, vôlei, atletismo etc.), deixando para os jornalistas homens a cobertura do futebol, o carro-chefe da editoria de esportes (Coelho, 2011, p.35).

Por outro lado, um tipo de atividade esportiva passou a ganhar mais espaço na mídia: os esportes radicais, tais como o surfe, o mountain bike, o alpinismo, o voo livre, entre outros. Essas práticas, em alguns casos, ganharam a nomenclatura de esportes de aventura ou de natureza, por serem realizados mais afastados dos grandes centros urbanos. Este fato acabou sendo uma das razões para a ampliação da presença feminina nesses esportes nos últimos anos, situação que reverberou na participação maior desse gênero também nas coberturas jornalísticas, conforme Humberstone (2000 apud Silva et al., 2018).

Para a autora, entre os fatores que motivam essa participação feminina, está a possibilidade de praticar esporte em um meio ambiente quase que preservado, o que permite enxergar na atividade uma proposta não só de busca por equilíbrio e paz interior, como também um meio de aumentar a autoestima e alcançar independência. Segundo Humberstone (2000), essa perspectiva alinha-se de maneira significativa com a própria luta pela emancipação feminina, transformando as práticas esportivas em mais do que simples atividades físicas, mas em veículos para realizações individuais.

A possibilidade de experimentações de novas sensações e autocohecimento, como aponta Humberstone (2000), faz com que a mulher praticante de esportes de aventura, passe a enxergar a natureza como um meio de conseguir independência, equilíbrio interior, relaxamento, aumento da autoestima, autointegridade e capacidade de decisão. A autora também ressalta que esta visão feminina sobre o envolvimento com a natureza por meio dos esportes de aventura diverge daquela

proveniente da população masculina, a qual enxerga a natureza como rival, que precisa ser conquistada e dominada (Silva et al., 2018, p. 159).

Nesse contexto, percebe-se que essa abordagem também permeou a cobertura esportiva das atividades radicais. Se antes não havia a participação efetiva das repórteres nas práticas dos esportes radicais, deixando a elas apenas o relato das ações realizadas pelos atletas, com o tempo passou a existir também o papel da repórter-protagonista. Todavia, no fazer profissional dessas mulheres repórteres, havia particularidades: elas cobriam os esportes de aventura dando destaque, em suas reportagens, à beleza do local e à questão estética, valorizando os feitos realizados e a fotografia do ambiente de forma similar.

Um bom exemplo dessa abordagem diferenciada é a participação da apresentadora e tricampeã brasileira de windsurfe, Dani Monteiro, em seu quadro *“Caminhos da Aventura”*<sup>6</sup> no *Programa Esporte Espetacular*, da *TV Globo*. Contudo, se por um lado Monteiro demonstrava habilidades em trilhas e mergulhos, por outro a exuberância de cachoeiras e paisagens eram misturadas à beleza física da apresentadora, o que nos sugere haver, assim, certa objetificação do corpo feminino, que induz a tentativa de reduzi-la a sua aparência. Dessa forma, associando o feminino a uma sensibilidade que se aproxima da natureza, do natural, do belo ou do contemplativo. Neste mesmo período, houve quem fizesse disso um espetáculo para principiantes.

Acostumada a grandes coberturas jornalísticas, a experiente repórter Glória Maria – no ano de 2001 – em uma reportagem especial feita para o programa *Domingão do Faustão*, também da *TV Globo*, submeteu-se a uma travessia realizada no céu. Nela, Glória Maria teria que caminhar por uma estreita tábua de ferro posicionada entre dois balões, que estariam em movimento no ar<sup>7</sup>.

Se o feito não teve precedentes entre os jornalistas, a narrativa de Glória Maria trouxe para o público – pela primeira vez na televisão brasileira – todos os medos e temores pertinentes a esse tipo de desafio. Com a utilização do áudio da repórter ao longo da travessia, a edição da reportagem tanto humanizou a praticante ao expor suas falas apreensivas e suas angústias, quanto propôs para o espectador que há sonhos que podem ser realizados até por amadores.

Em outras ocasiões, a mesma Glória Maria saltou de um *bungee jump* de 233 metros de altura em Macau e desceu de tirolesa no País de Gales a uma velocidade de 160km por hora<sup>8</sup>. Sempre tendo com ela a marca do ineditismo, mas também do inusitado. Algo que despertava curiosidade não só por ser uma repórter mulher realizando um feito especial, mas também por ser alguém de mais idade, não praticante de esportes radicais, e ser de pele negra.

Na abordagem desse tipo de reportagem, a presença de Glória Maria nos leva a considerar a ideia de Kollontai (2007) sobre a “nova mulher”, uma mulher que performa uma não-fragilidade. Essa figura representa uma profissional que, em certa medida, transcende concepções conservadoras relacionadas ao gênero feminino, assumindo

6 Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/esporte-espetacular/aventura/noticia/caminhos-da-aventura.ghtml>. Acesso em 19 nov. 2023.

7 Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7280397/>. Acesso em 19 nov. 2023.

8 Disponível em: <https://gq.globo.com/cultura/tv-streaming/stories/2023/02/02/gloria-maria-reportagens.ghtml>. Acesso em 19 nov. 2023.

uma performatividade (Butler, 2018) que estabelece um modelo singular de mulher atuando como jornalista de esportes de aventura.

Porém, lembramos, como já colocado, isso não significa que a mulher pertencente à moral feminina estruturada por séculos tenha sido superada, pois ela continua em manutenção em um processo de disputa com as demandas capitalistas do novo ideal feminino: “os novos pensamentos já nasceram em nós, mas os antigos ainda não morreram. Os restos das gerações passadas não perderam sua força, ainda que possuamos a formação intelectual, a força de vontade da mulher do novo tipo” (Dohn, 1902 apud Kollontai, 2007, p. 25).

De volta ao jornalismo esportivo, entre os homens, o repórter Clayton Conservani é destaque. Acostumado a também fazer coberturas esportivas que exigiam um alto impacto físico e de resistência – inclusive também se colocando à prova diante dos desafios – Conservani foi convidado em 2011, para apresentar um quadro e a fazer reportagens com a mesma temática no programa *Fantástico (TV Globo)*. Assim surgiu o Planeta Extremo, que mais tarde viria a ser um produto independente, ocupando um lugar de destaque nas noites de domingo na grade de programação da emissora, exibido logo após o *Big Brother Brasil (BBB)*.

Depois de algumas temporadas tendo o jornalista como único protagonista, em 2015 a emissora lançou a repórter Carol Barcellos como parceira de Clayton Conservani no tipo de reportagem de aventura. A intenção era trazer para a nova temporada o gênero feminino em ação, uma proposta inclusiva e, por que não dizer, mercadológica, tendo em vista que o programa recebia a audiência do público do BBB – que é formado por mulheres em sua maioria<sup>9</sup>. Logo, compreendemos que o acréscimo de uma mulher à atração se deu pelo viés de gerar maior conexão com o público, por meio da representatividade.

O primeiro episódio do *Planeta Extremo* em que a jornalista Carol Barcellos aparece é na “*Ultramaratona da Selva*”, desafio realizado na Floresta Amazônica<sup>10</sup>. Também foi em uma prova parecida que, na temporada seguinte, em 2016, ela e Clayton dividiram a tela da TV em uma atividade de extrema resistência física: a “*Ultramaratona do Atacama*”. Episódio que analisamos, problematizando o protagonismo exercido pela repórter em relação à história contada, e ao seu companheiro de reportagem.

### Estudo de caso: a “*Ultramaratona do Atacama*”

O episódio “*Ultramaratona do Atacama*”, da série de esportes de aventura *Planeta Extremo*, da *TV Globo*, foi ao ar em 10 de abril de 2016, tendo como repórteres-apresentadores Clayton Conservani e Carol Barcellos. Além de relatarem a participação dos corredores, famosos e anônimos, a dupla também se submeteu ao mesmo desafio, que durou 7 dias, entre os meses de setembro e outubro de 2015, e teve como prova a travessia de 250 quilômetros do mais famoso deserto do Chile.

9 Segundo dados de pesquisa realizada pelo Buzzmonitor, 60% do público do reality show BBB é composto por mulheres. Disponível em: <https://buzzmonitor.com.br/blog/quem-sao-os-brasileiros-que-assistem-e-os-que-nao-assistem-bbb-analise-perfis-do-twitter/>. Acesso em 26 nov. 2023.

10 Disponível em: <https://imprensa.globo.com/publicacoes/planeta-extremo-estreia-como-programa-no-dia-25-de-janeiro/>. Acesso em 20 nov. 2023.

Dessa forma, tanto Conservani quanto Barcellos foram apresentados ao público, durante os quase 40 minutos do episódio, entre os principais personagens da história. E se tal protagonismo exercido pelos jornalistas foi estabelecido desde a concepção do programa, quando ele ainda era um quadro do *Fantástico*<sup>11</sup>, a questão da presença de uma repórter (do sexo feminino) em uma cobertura jornalística que necessitava de uma atividade de extremo esforço físico e mental era um diferencial.

Podemos apontar que a inclusão de Carol Barcellos, uma mulher, no programa anteriormente conduzido por Conservani, evocou lembranças do papel que outras repórteres, como Glória Maria, desempenharam como repórter-protagonistas em esportes de aventura. Essa lembrança ressalta uma certa performatividade de gênero (Butler, 2018), na qual características tradicionalmente associadas à conduta masculina (Kollontai, 2007) são adotadas e reinterpretadas no contexto feminino.

Para ficar mais claro, o que se está salientando é que Butler (2018) está mais interessada em compreender os processos de identificação de gênero enquanto constante devir, do que definir exatamente um conceito ou enquadramento. Sua abordagem, portanto, quando discute “performances de gênero”, é a de destacar o fato de as pessoas serem constantemente expostas, solicitadas e vigiadas quanto às construções de si que as identificam diretamente a um determinado gênero.

Em concordância com a autora, falar em performance sempre é remeter ao discurso, às tradições, às ideologias, aos processos culturais, entre outros fatores que mudam conforme tempo e espaço. Sob esse diagnóstico, ao inclinamos o olhar para figura representativa de Carol Barcellos, enquanto mulher jornalista/repórter, interessamo-nos em sua performance de gênero. Isto é, em ver como essa mulher se apresenta e é posta em cena. Assim, pela desconstrução fílmica do episódio “*Ultramaratona do Atacama*”, concebemos uma trajetória analítica interna e externa a esse produto audiovisual (Penafria, 2009), com o viés de examinar a participação da jornalista Carol Barcellos, ressaltando algumas de suas causas e até possíveis desdobramentos.

O primeiro ponto a ser observado é a predominância de Barcellos como narradora, o que evidencia um lugar de maior destaque na história ou, em outros termos, significa, literalmente, dar voz e vez ao público feminino, em comparação ao gênero masculino também presente no episódio. Este é dividido em duas pequenas aberturas que somam 2 minutos e 57 segundos, contando com uma vinheta de 15 segundos, e mais dois blocos: o primeiro com 18 minutos e 59 segundos e o segundo (que é acrescido dos *inserts* com os créditos da obra) com 17 minutos e 40 segundos. O que dá um tempo total de 39 minutos e 37 segundos de programa.

Desse valor numérico, a repórter Carol Barcellos através da narrativa em voz over (como é de praxe na maioria das reportagens jornalísticas) narra – sozinha – a história do desafio por quase um terço do tempo do programa. São 13 minutos e 10 segundos ouvindo Barcellos, em *off*, por 52 momentos diferentes. Em algumas das vezes de forma bem pontual e curta como se estivesse apenas fazendo *link* para um depoimento que virá a seguir, e de outras de uma maneira mais extensa, como nos casos do *off* em

<sup>11</sup> O projeto do programa tem na sua origem a participação do repórter como elemento não só da narrativa jornalística como também como personagem da história narrada. Disponível em: [www.imprensa.globo.com/publicacoes/fantastico-estreia-planeta-extremo-neste-domingo-dia-03/](http://www.imprensa.globo.com/publicacoes/fantastico-estreia-planeta-extremo-neste-domingo-dia-03/). Acesso em 13 nov. 2023.



que ela, didaticamente, explica através de uma arte, o que o ar rarefeito do local pode causar de prejuízos ao ser humano. Outro momento de destaque do elemento narrativo é no texto final. Nessa última participação, a voz *over* de Carol Barcellos é presente por cerca de 1 minuto e 3 segundos e apresenta uma forte carga emocional – impulsionada também pelo clipe de imagens da prova e pela música cativante inserida na montagem.

O tempo de exposição e o texto narrado por ela, em que usa frases sobre temas como “busca”, “persistência” e “redenção”, têm a função de passar uma mensagem especial para o espectador. E é a voz da repórter que ressoa do início e por último nos ouvidos de quem assiste ao episódio. Motta (2013) afirma que narrar não é apenas contar uma história, é na verdade usar um dispositivo de linguagem persuasivo. Para o autor, quem narra quer produzir efeitos no público através da sua narração.

Os ouvintes de uma narrativa não captam apenas as sequências dos acontecimentos representados (a trama, ou enredo). Captam também aspectos ocultos ou virtuais das personagens e das ações que requerem novos pensamentos de parte de cada um, requerem uma recriação virtual das situações e comportamentos (...) (Motta, 2013, p.73).

Enfim, como ressaltado, a escolha pela voz da repórter conduzindo o programa intensifica o envolvimento dela no decorrer da atividade esportiva de aventura e, conseqüentemente, amplifica tal participação para que se dê destaque ao gênero feminino como um todo. Além disso, a voz de Carol Barcellos não marca presença somente nos *offs*. Tanto ela quanto Clayton Conservani – por serem inseridos na história como personagens que pretendem cumprir o desafio – aparecem continuamente, ora dando depoimentos e olhando para as câmeras, ora tendo suas falas captadas em sons ambientes, como se fosse em um *making of*, sendo que a maioria desses dizeres é exposta como se fosse desabafo pelo excesso de cansaço e pela ansiedade de chegar logo ao final de cada etapa da prova.

A soma das falas dos repórteres também – de forma quantitativa – mostra uma participação maior de Carol Barcellos nessa edição do *Planeta Extremo*. A repórter aparece em 22 momentos falando em cena, e Conservani em 18, sendo que em alguns desses instantes, os dois aparecem juntos. Em minutos, a contagem revela que Carol se expõe por 2 minutos e 53 segundos, enquanto seu companheiro de reportagem faz o mesmo durante 2 minutos e 9 segundos. Pelo aspecto visual, há também uma ligeira vantagem para a jornalista no que diz respeito ao número de inserções das imagens que mostra ambos ao longo do episódio. Se na abertura há um equilíbrio de tomadas entre os dois repórteres-apresentadores (dez para cada um), durante a narrativa do programa, Barcellos aparece 69 vezes enquanto Clayton, 61.

Desses números, por diversas vezes, os dois são exibidos juntos, como nas tomadas aéreas feitas por drones, em ângulo zenital, como se fossem pontinhos na imensidão da areia do deserto, ou nos encontros afetuosos ao final de cada etapa concluída, por entre *takes* fechados de abraços e beijos. Mas é importante pontuar que em alguns desses registros, nos quais os dois estão dividindo a cena, percebe-se um sutil destaque para a participação feminina. Isso porque, nas vezes em que essa situação ocorreu,

em mais da metade delas é mostrada Carol Barcellos em primeiro plano, enquanto Clayton Conservani ocupava um lugar secundário na caminhada.

A ênfase atribuída a Carol Barcellos a destaca não apenas como profissional mulher no jornalismo, mas, também, como uma mulher que exerce liderança proeminente, especialmente quando possui maior destaque na condução da narrativa. Frente ao arcabouço teórico adotado, é evidente que Barcellos personifica as características do que Kollontai (2007) chamou de “Nova Mulher”. Este conceito aborda a evolução psicológica, estrutural e emocional das mulheres em resposta às demandas emergentes do ambiente de trabalho contemporâneo. A atuação de Barcellos exemplifica a adaptação das mulheres a essas novas condições, refletindo uma mudança significativa na mentalidade e no comportamento feminino.

A realidade capitalista contemporânea parece esforçar-se em criar um tipo de mulher que, pela formação de seu espírito, se encontra incomparavelmente mais próxima do homem do que da mulher do passado. Este tipo de mulher é uma consequência natural e inevitável da participação da mulher na corrente da vida econômica e social. (Kollontai, 2007, p. 18)

Essa sensação/percepção de relevância da repórter também se deu em alguns momentos em que Clayton estava em primeiro plano: em duas ocasiões, a câmera capta as imagens dos dois caminhando, de um ângulo feito por trás deles, tendo o repórter como personagem mais próximo (FIGURA 1). Nesse sentido, mesmo em destaque pelo espaço ocupado na cena, há outra informação visual que nos leva a uma ideia de maior valor destinado a Carol Barcellos, pois ela está à frente dele no percurso, ou melhor, ela puxa o ritmo entre eles (FIGURA 2).

É assim que a construção da narrativa se apresenta ao longo de quase toda história reportada. E apesar de a repórter ter momentos em que demonstra os efeitos negativos do esforço físico e da falta de água, é o repórter que aparece mais debilitado e que recebe cuidados especiais da organização do evento, pois Conservani passou mal no terceiro dia de prova, e este momento é também destaque na história.

**Figura 1: No frame, Clayton está de costas para a câmera e em primeiro, enquanto Carol segue a sua frente, em segundo plano, guiando a caminhada**



Fonte: Print do vídeo

**Figura 2: Carol é enquadrada de frente, olhando para a câmera e em primeiro plano, enquanto à direita, de cabeça baixa, está Clayton em segundo plano**

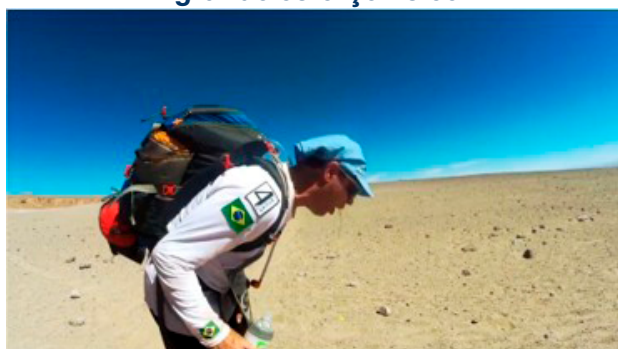


Fonte: Print do vídeo

As condições adversas do repórter são apresentadas sem, aparentemente, muitas restrições, há vários *inserts* de vômitos seguidos (FIGURA 3), inclusive a montagem se utiliza de imagens que quebram o eixo da ação: ora Clayton vomita à direita, ora à esquerda do vídeo. Aqui, a narração de Carol Barcellos deixa de ser linear e no tempo de 14 minutos e 30 segundos ela passa a mencionar um acontecimento anterior à *diegese*<sup>12</sup>: em flashback, o episódio mostra outro desafio no qual Clayton Conservani também havia passado mal e desistido da prova<sup>13</sup>.

Esse recurso de interseção do tempo contínuo também é utilizado quando Carol Barcellos cita dois outros personagens do sexo masculino: um corredor coreano, Park Yonjon, que é apresentado em sua atuação como voluntário no terremoto do Nepal, e um corredor de Hong Kong, chamado de "Mister Fon", que é exaltado por ter conseguido completar a prova, mesmo utilizando uma prótese na perna esquerda.

**Figura 3: No frame o repórter Clayton é apresentado vomitando devido ao grande esforço físico**



Fonte: Print do vídeo

Fon corre ao lado da esposa, Bing, e juntos terminam o desafio. Ela é apresentada como uma personagem de destaque por causa dos cuidados assistenciais que

<sup>12</sup> O termo "Diegese" é de Jacques Aumont (2012), e refere-se não apenas os elementos visuais e sonoros que aparecem na tela, mas também os eventos, personagens, objetos e ambientes que fazem parte da narrativa. A Diegese "é também tudo o que a história evoca ou provoca para o espectador" (Aumont, 2012, p. 114).

<sup>13</sup> Em março de 2015, também pelo programa Planeta Extremo, o repórter Clayton Conservani se submeteu a fazer a travessia da Ultramaratona de Caballo Blanco, no México. Ele passou mal e desistiu no meio da prova. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4941896/?s=10m41s>. Acesso em 15 nov. 2015.

têm para com o marido. Ressaltamos que esse papel de cuidadora, embora evidencie uma forma genuína de afeto, salienta o seu esforço duplo como maratonista e esposa. A representação e o papel desempenhado por Bing reforça a clássica noção da esposa como “eco” do homem. Isto é, sem uma identidade própria, uma situação em sintonia ao que coloca Federici (2019, p. 39) quando afirma que “[...] a ‘feminilidade’ foi construída como uma função-trabalho que oculta a produção da força de trabalho sob o disfarce de ‘destino biológico’”.

A história de vida do casal, é contada por imagens de arquivo e por tomadas que demonstram as necessidades especiais que Fon. Se planos fechados mostram a perna amputada (FIGURA 4), planos abertos demonstram o corredor na travessia (FIGURA 5), assim como ao lado de sua esposa. No início do primeiro bloco, o corredor de Hong Kong afirma que quem disse que era possível completar os 290 km da ultramaratona pela primeira vez foi a esposa, e que ela era a alma e mente dele na corrida.

**Figura 4: O maratonista Fon apresenta sua perna amputada e os cuidados necessários que precisa ter durante o trajeto percorrido**



Fonte: Print do vídeo

**Figura 5: Fon é apresentado caminhando no meio do deserto; para tal atividade, ele utiliza uma prótese apropriada para este tipo de atividade física**



Fonte: Print do vídeo

Outros personagens também são citados na cobertura jornalística, como o caso dos vencedores da ultramaratona: o saudita Mohamed Nati Foustok, pelos homens, e a americana Shiri Leventhal, entre as mulheres<sup>14</sup>. Mas uma atleta específica merece des-

<sup>14</sup> Resultado da Ultramaratona do Atacama em 2015. Disponível em: <https://statistik.d-u-v.org/eventdetail.php?event=3492>. Acesso em 18 nov. 2023.

taque na reportagem, não pela velocidade ou por sua resistência física, mas pela forma que encontrou para seguir no desafio: a francesa Shelen Cal. Por mais de um minuto, a ultramaratonista aparece cantando uma canção famosa da cantora Edith Piaf: “La vie en rose”, enquanto dá passadas largas em direção à chegada.

A música quebra um pouco o ritmo da tensão, dá leveza ao programa, ao mesmo tempo em que demonstra que cada corredor se apega a algo que lhe faz seguir em frente. Logo, evidencia-se em cena uma representação feminina mais sensível, com conotação emotiva. Ou seja, apesar de não ser possível afirmar categoricamente a escolha editorial, permite inferir, pautados pelo senso comum, que há no movimento da produção um espaço para se reforçar um dos estereótipos do gênero. Isto é, investir em um aspecto muito vinculado (ainda) à ideia de marcar a cobertura de esportes de aventura com um tom “feminino” ao se investir na valorização dos aspectos sensíveis, inclusive em termos estéticos (SILVA *et al.*, 2018): a beleza local, a relação do sujeito com o ambiente e com as emoções.

No caso de Shelen Cal, é como se a sonoridade cantada lhe desse a segurança e o conforto que faltavam pelas adversidades ali enfrentadas. Evoca, desse modo, a criança que afirma cantar uma música de sua infância para evitar que o medo do escuro a paralise. Um ritornelo calmante e territorializante:

É territorial, é um agenciamento territorial. O canto de pássaros: o pássaro que canta marca seu território... Os próprios modos gregos, os ritmos hindus são territoriais, provinciais, regionais [...] ele sempre leva terra consigo, ele tem como concomitante uma terra, mesmo que espiritual, ele está em relação essencial com um Natal, um Nativo. (Deleuze; Guattari, 1997, p. 103).

A imagem da corredora francesa passa, por essa estratégia musical, uma mensagem de otimismo, carregada de emoção. Talvez preparando o emocional do espectador para resistir melhor às imagens que viriam a ser apresentadas a seguir: durante a etapa do maior percurso, tanto Clayton Conservani quanto Carol Barcellos são expostos a uma prova de resistência “sobre-humana”, como eles mesmo disseram.

E a montagem do episódio fez questão de demonstrar isso com relevância, principalmente nas tomadas feitas no período da noite/madrugada. Nelas, os dois personagens, tendo a repórter em primeiro plano, caminham sob as luzes das suas lanternas colocadas na cabeça e a luz da câmera que capta suas imagens. O resto é escuridão, o que provoca em quem assiste a certeza de um isolamento com relação ao resto do mundo.

Quebrando, parcialmente, essa imagem, a sequência salienta Barcellos, iluminando mais o seu rosto do que todo o cenário. O procedimento permite perceber a face da jornalista marcada pelo desamparo e incerteza (FIGURA 6), – a ser confirmado pouco depois neste artigo –, já que a tomada se estende por alguns minutos na tela e apenas termina quando os dois repórteres completam aquele dia de prova e se abraçam. Nesse momento, apesar de ambos estarem exaustos, Conservani parece amparar mais

Carol Barcellos. A repórter passa a chorar e a dizer para os que a abraçavam: “estou chorando de alegria e conseguimos, né? Nós conseguimos!”

**Figura 6: A face iluminada da repórter após um tempo de escuridão na diegese é uma opção da direção que humaniza ainda mais a participação de Carol Barcellos, destacando novamente seu protagonismo**



Fonte: Print do vídeo

Em sua análise sobre a emoção que a imagem é capaz de transmitir, Didi-Huberman (2016) propõe que o choro e as lágrimas, para além de demonstrarem uma simples fragilidade humana, podem impulsionar uma ação coletiva, até mesmo uma insurreição social, o que lhe confere uma conotação política. “é por meio das emoções que podemos, eventualmente, transformar nosso mundo” (Didi-Huberman, 2016, p.38), recuperando as ambiguidades que atravessam as expressões do sentimento humano.

Com tal assertiva, o autor problematiza as possibilidades de interpretação da imagem, mesmo quando conotadas pela retórica, já que as falas também são passíveis de comunicações múltiplas. Sob essa leitura, é possível nessa sequência de Planeta Extremo, destacar a forte carga emocional dissipada nas lágrimas da repórter Carol Barcellos e, simultaneamente, compreender que há, ali, uma perspectiva conceitual que ultrapassa as fronteiras da série com relação à força da personagem.

O que queremos indicar é que, ao chorar por alcançar algo muito pretendido, Barcellos humaniza ainda mais seu feito, demonstra grandeza de espírito e deixa para que o público reflita a importância, não só do seu esforço físico como de sua ação pós conquista. É sem dúvida uma mensagem política, social e inclusiva. Algo que nos permite relacionar com a busca feminina por espaços midiáticos, de mercado, de igualdade de oportunidades, de direitos e de justiça. Um olhar para fora do campo fílmico, externo a ele, mas inserido no nosso debate cotidiano. Ressalta-se, portanto, de um território onde a presença do gênero feminino era excluída por uma leitura que o localizava impotente para jornadas como essa.

O destaque conferido a Carol Barcellos representa um protagonismo feminino marcante e uma expressão clara de performance de gênero, salientado em contraste com as representações das outras participantes no mesmo episódio. Trata-se de se investir em um duplo discurso no mesmo programa. A escolha, conforme pudemos

observar, consente manter a projeção dessa “nova mulher” independente e capaz, no entanto, ainda muito vinculada a uma personalidade única, distinta das demais, reforçando tanto o indivíduo ou, no máximo, a prática profissional.

O movimento, também é preciso que se diga, é um avanço. Porém, tem que ser observado o quanto representa uma perda de oportunidade para reforçar que essas conquistas não são resultantes de ações exclusivamente individuais. Na verdade, as realizações celebradas hoje em termos de igualdade de gênero, resultam de um longo histórico que soma um esforço coletivo por mudanças, determinadas subjetividades se destacam por meio de uma configuração dialética entre o social e o sujeito.

## Considerações Finais

No episódio “*Ultramaratona do Atacama*”, as cenas do deserto rochoso e em plano aberto evidenciam a magnitude do desafio e elas se misturam com os corpos dos maratonistas que resistem a cenários áridos e ao intenso sol. A dor e a resiliência estão em enquadramento, os personagens masculinos ganham evidência entre as narrativas que são apresentadas, mas como figura feminina é a jornalista Carol Barcellos que ganha ênfase como uma mulher destemida e de força singular.

Liderando a narração do programa, sua representação feminina se destaca com voz ativa: há diversas cenas em que ela discorre sobre as decisões e as estratégias que serão tomadas. Visualmente, Barcellos se sobressai em quantidade de aparições, especialmente nos momentos compartilhados com Clayton Conservani. Mesmo nas cenas em que o desgaste físico se faz presente, é Carol quem transparece mais força, concentração e resistência. A imagem dela chorando não revela fragilidade, mas sim o grau de grandiosidade da conquista alcançada. Seu choro não é o de derrota, mas de triunfo, humanizando ainda mais seu feito.

Compreendemos que Carol Barcellos não apenas se destaca como jornalista de esportes de aventura, mas também emerge como notável exemplo de força feminina. No entanto, na análise do episódio, observamos marcas discursivas e imagéticas associadas ao cuidado feminino para com os indivíduos masculinos em termos que emulam um longo histórico de subalternidade, o que acaba reforçando uma conotação conservadora sobre o gênero feminino. Essas marcas não estão tão presentes no arco narrativo protagonizado por Barcellos, mas estão presentes em outras figuras femininas que são destacadas no episódio.

Para além dessas relações intrínsecas à edição do episódio, ainda é preciso observar os diálogos midiáticos tecida no capítulo, já que a lógica das produções televisivas é a de demandar participações em outros programas que repercutem e/ou amplificam outros, como é o caso. Assim, em entrevista ao UOL Esportes em 2016, na qual Barcellos e Conservani compartilham experiências dos bastidores do episódio de Planeta Extremo aqui analisado, ela revela seu esforço para cuidar do parceiro de profissão que, muitas vezes, relutava em acordar cedo durante a expedição no Atacama: “Eu tento, mas é difícil conseguir cuidar dele. Normalmente, ele não aceita muito”<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> Disponível em: [https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/uol\\_amp/2016/02/12/planeta-extremo-volta-a-globo-com-direito-a-terremoto-inesquecivel/](https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/uol_amp/2016/02/12/planeta-extremo-volta-a-globo-com-direito-a-terremoto-inesquecivel/) Acesso em 26 nov. 2023.

Ao assumir tal protagonismo, no registro de sua travessia pelo deserto do Atacama, Carol Barcellos evoca o árduo caminho percorrido e ocupado pelo gênero feminino, em um espaço até então reservado aos homens. E mais: projeta para o público que o novo cenário vai se consolidando, mesmo que alguns referenciais conservadores ainda sejam utilizados no processo o que, também, transparece as contradições que se entrelaçam às conquistas da luta da mulher, mesmo em profissões cujos discursos assumidos na perspectiva liberal se colocam, muitas vezes, como sincrônicos aos avanços culturais e sociais. O que ainda parece ser uma projeção idealizada.

## Referências:

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. 9ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1949.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 4ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no Jornalismo Esportivo**. 2015, 99f. Monografia (conclusão de curso de graduação em Comunicação Social/Jornalismo) da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/5635>. Acesso em 21 nov. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DOHN, Hedwig. **Christa Ruland**. Berlim: S. Fischer, 1902.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Ed. 34, 2016.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em Duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, n.17-18, p. 9-79, 2001, pp. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000100002>. Acesso em 26 jan. 2024.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FONSECA, Renan Reis. "Você será mobilizada(o)!": gênero e trabalho na Segunda Guerra Mundial – Estados Unidos e Brasil. **Revista Antíteses**, Londrina, v.12, n. 24, p. 517-542, jul./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2019v12n24p517>



HUMBERSTONE, B. The 'outdoor industry' as social and educational phenomena: Gender and outdoor adventure/education. **Journal of Adventure Education & Outdoor Learning**, Abingdon/Inglaterra, v. 1, n. 1, p. 21-35, 2000.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Mulheres jornalistas na imprensa brasileira. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 24., 2001. Campo Grande (MS): 1-11, 2001. **Anais [...]** Campo Grande: São Paulo, 2001, p.1-11. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/151284998075557168343153827227545496185.pdf>. Acesso em 26 mar. 2024.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2013.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo H.L.; TUBINO, Manoel J.G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008. DOI: <https://doi.org/10.18511/rbcm.v16i2.1133> Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/1133>. Acesso em 21 nov. 2023.

OYÊWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres** – Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. In: Congresso SOPCOM, 6. Lisboa, 2009. Anais eletrônicos [...]. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em 18 nov. 2023.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres jornalistas – A grande invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Faculdade Cásper Líbero. 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. Editora Expressão Popular, 2013.

SILVA, Renata Laudares; CARMO, Elisângela Gisele do; FUKUSHIMA, Raiana Lídice Mór; RODRIGUES, Nara Heloisa; SCHWARTZ, Gisele Maria. A mulher nos esportes de aventura: notas sobre o empoderamento feminino. **Revista Hipótese**, Bauru, v. 4, n. 3, p. 156–176, 2018. Disponível em: <https://revistahipotese.editoraiberoamericana.com/revista/article/view/354>.

Acesso em: 26 jan. 2024.

### Videografia

Programa Planeta Extremo, TV Globo. Episódio "Ultramaratona do Atacama". Direção: João Pedro Paes Leme. Temporada 2016. (39'37"). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4941896/?s=0s>. Acesso em 17 nov. 2023.

Recebido em: 29 jan. 2024  
Aprovado em: 18 mar. 2024